



Recebido em: 20/11/2015

Aceito em: 30/11/2015

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O FEMININO NAS COMUNIDADES GNÓSTICAS E O PROCESSO DE SEGREGAÇÃO SEXUAL ENTRE OS PROTO- ORTODOXOS (SÉCULOS I-IV)

Roberta Alexandrina da Silva¹

PPLSA-UFPA

<http://lattes.cnpq.br/7977807580099569>

Resumo:

Este artigo tem a pretensão de abordar as definições de gêneros existentes nos dois tipos de cristianismos, o ortodoxo e heterodoxo no período pré-Nicênic. Com o intuito de debater acerca dos processos e mecanismos que possibilitaram a delimitação e hierarquização dos papéis sexuais dentro do espaço eclesial.

Palavras-chave: cristianismos – gênero – ortodoxia - heterodoxia

Abstract:

This article aims to address the definitions of genders existing in two types of Christianities, Orthodox and heterodox in period pre-Nicene. In order to discuss about the processes and mechanisms that enabled the definition and prioritization of sexual roles within the ecclesial space.

Keywords: Christianities – gender – orthodox – heterodox.

¹ Profa. Dra. Adjunto III da Faculdade de História, campus Universitário de Bragança - UFPA. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia. Professora associada do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano – LEIR/UFES e vice-coordenadora do Laboratório VIVARIUM (Secção Norte).

1. Algumas Considerações Introdutórias

Durante o século I e.c.², em especial nas primeiras décadas, surge no Império Romano, advindo do judaísmo, um movimento que se difundiu rapidamente - embora não em grande número no meio das cidades do Oriente -, denominado, *a posteriori*, de cristianismo. Em seus momentos iniciais não sobressaia entre os muitos outros cultos 'orientais' levados de um lugar para outro por imigrantes e comerciantes. Com isso, se justifica a sua não importância ou até mesmo desconhecimento de muitos dos escritores da época.

Não obstante, esse cenário se transforma e em séculos posteriormente ganha força, se separa das comunidades judaicas que lhe deram origem, lhe sendo até mesmo hostis, e se torna dominante do Império Romano e obtém proteção imperial.

Portanto, a partir disto se percebe que os primórdios do cristianismo se tornam uma seara complicada, em que pulularam movimentos díspares que possuíam múltiplas teologias. Nesse sentido, o que se define por *ortodoxia*, na realidade seria um encaminhamento de um grupo cristão vitorioso que suplantou as memórias e lembranças dos demais grupos³. Com a descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi⁴, em 1945, ampliou-se a percepção acerca da pluralidade de grupos no movimento cristão em seus primórdios (KOESTER, 2005: 243).

² As abreviaturas **a.e.c.** (antes da era comum) e **e.c.** (era comum) serão utilizadas durante o artigo como alternativa para os mais publicamente usados **a.C.** (antes de Cristo) e **d.C.** (depois de Cristo).

³ Compartilho da aceção do estudioso Barth Ehrman, na obra *Evangelhos Perdidos*, onde define ortodoxia como um grupo de cristãos que venceram os primeiros conflitos e estabeleceram suas visões como dominantes por volta do século IV; não apenas nos deram os credos que foram transmitidos da antiguidade, mas também decidiram quais livros pertenceriam às Escrituras. Uma vez vencido, se auto rotularam de 'ortodoxos', aqueles que tem a crença correta, e marginalizaram seus oponentes como hereges, e os textos produzidos por eles como 'heréticos'. Com isso, é pertinente denominar esses cristãos de proto-ortodoxos e não de ortodoxos, porque a institucionalização durante o I até meados do IV ainda não era completa. EHRMAN, B. *Os Evangelhos Perdidos: As Batalhas pela Escritura e os Cristianismos que não chegamos a Conhecer*. Tradução de Eliziane Andrade Paiva. Rio de Janeiro: Record, 2008

⁴ A lista dos textos por ordem em que se encontram nos treze códices: Códice I: A Prece ao Apóstolo Paulo, O Apócrifo de Tiago, O Evangelho da Verdade, O Tratado sobre a Ressurreição, O Tratado Tripartido; Códice II: O Apócrifo de João (versão longa), O Evangelho de Tomé, O Evangelho de Filipe, A hipóstase de arcontes, O Escrito sem título, A Exegese da Alma, O livro de Tomé; Códice III: O apócrifo de João (versão breve), O Livro Sagrado do Grande Espírito invisível, Eugnosto, o bem aventurado, A Sabedoria de Jesus Cristo, O diálogo do Salvador; Códice IV: O apócrifo de João (versão longa), O Livro Sagrado do Grande Espírito invisível; Códice V: Eugnosto, o bem aventurado, O apocalipse de Paulo, O (primeiro) apocalipse de Tiago, O (segundo) apocalipse de Tiago; Códice VI: Os atos de Pedro e dos doze apóstolos, O Trovão, mente perfeita, O autêntico logos, O conceito do nosso grande poder, A república de Platão (588A-589B), A Hebdômada e a Enêada, A oração de ação de graças, Alcelpius; Códice VII: A Paráfrase de Sem, O Segundo Tratado do Grande Set, O Apocalipse de Pedro, Os Ensinamentos de Silvano, Os Três Marcos de Set; Códice VIII: Zostrianos, A Carta de Pedro a Filipe; Códice IX: Melquisedeque, Nórea, O Testemunho Verdadeiro; Códice X: Marsánes; Códice XI: A Interpretação da gnose, A exposição valentiniana, Allógenes, Hypsifrone; Códice XII: As Sentenças de Sextus, O Evangelho da Verdade, Fragmentos; e, Códice XIII: Protenóia Trimórfica.

Até as últimas descobertas arqueológicas da Biblioteca de Nag Hammadi, conhecíamos estes sistemas filosófico-teológicos através dos Padres da Igreja (sobretudo dos heresiólogos⁵, isto é, que viam nos vários gnosticismos uma heresia). Durante muito tempo, mas, sobretudo nos séculos XIX e XX, alguns estudiosos julgaram estes Padres da Igreja como autores pouco recomendados no estudo do gnosticismo uma vez que partiam do pressuposto da heresia dos gnósticos a evitar pela Igreja ortodoxa.

Foi com o imperador romano Constantino, que houve a definição de um cânone das Escrituras e a organização de uma Igreja, com ortodoxia e doutrina, atacando, portanto, as escolas gnósticas e seus livros e destruindo mosteiros e bibliotecas. Para Ramsay MacMullen, o Credo de Nicéia, aprovado pelos bispos e ratificado por Constantino, tornou-se a doutrina oficial que todos os cristãos deviam aceitar para participar da santa igreja reconhecida pelo imperador, a 'igreja católica', comunidade tendo a sua sede a cidade de Roma. E, um ano antes do Concílio de Nicéia (325 e.c.), Constantino tentou encerrar por decreto as 'assembleias gnósticas' (MACMULLEN, 1984: 54). De acordo com Elaine Pagels, Constantino ordenou que todos os 'heréticos e cismáticos' deixassem de se reunir, mesmo em residências particulares e entregassem aos católicos as congregações e todas as propriedades que possuísem (PAGELS, 2006: 180).

Compartilho da assertiva de Elaine Pagels de que os estudos sobre o gnosticismo estão apenas começando.

No entanto, aqueles que consideravam o gnosticismo como heresia estavam adotando – de forma consciente ou não – o ponto de vista desse grupo de cristãos que se autodenominavam cristãos ortodoxos. Herege pode ser qualquer um de cuja aparência alguém não goste ou denuncie. Segundo a tradição, herege é aquele que se desvia da verdadeira fé. Mas o que define a 'verdadeira fé'? Quem a denomina? E por que razões?⁶

Portanto, partindo do pressuposto que temos uma gama variada de grupos cristãos neste momento inicial do cristianismo primitivo, em especial pré-nicénico, poder-se ter outras realidades e discursos de como esses ditos 'hereges' compreendiam os papéis sexuais dentro de suas comunidades - que se localizavam em vários centros urbanos do Império -, através de alguns escritos deles e de alguns heresiólogos.

⁵ Podemos destacar alguns dos heresiólogos antes do Concílio de Nicéia, dentre estes temos Irineu de Lyon (140-202), Tertuliano (155-222), Clemente de Alexandria (150-215), Hipólito de Roma (170-235), Orígenes (185-254), Cipriano de Cartago (200-258).

⁶ PAGELS, 2006: XXIII-XXIV.

2. Moral 'Propriamente' Cristã? O Processo do Pastorado nas Comunidades Proto-Ortodoxas

Com o cristianismo, vimos se inaugurar lentamente, progressivamente, uma mudança em relação às morais antigas, que eram essencialmente uma prática, um estilo de liberdade [grifo meu]. Naturalmente, havia também certas normas de comportamento que regravam a conduta de cada um. Porém, na Antiguidade, a vontade de ser um sujeito moral, a busca de uma ética da existência eram primeiramente um esforço para afirmar a sua liberdade e para dar à sua própria vida uma certa forma na qual era possível se reconhecer, ser reconhecido pelos outros e na qual a própria posteridade podia encontrar um exemplo [...]. Da Antiguidade ao cristianismo, passa-se de uma moral que era essencialmente procura de uma ética pessoal a uma moral como obediência a um sistema de regras [grifo meu] (FOUCAULT, 2006: 289-290).

Foi na Antiguidade Clássica, entre os gregos e os romanos, que Michel Foucault se depara com morais onde se evidenciam outros modos de constituição da subjetividade, - as "estéticas" ou "artes da existência" -, estilos de vida em que a preocupação maior é da ordem da ética e da liberdade. Prossegue, ao afirmar que foi no cristianismo que houve o processo de uma formação sistemática de regras, no qual ocasionou uma moral que valorizava uma renúncia de si (FOUCAULT, 2006: 289-290).

Para Michel Foucault, os primeiros autores cristãos teriam tomado empréstimo de uma moral pagã, já debatida por alguns filósofos e médicos na Antiguidade⁷. Outrossim, que a moral cristã não passa de um fragmento da ética pagã introduzido no cristianismo, mas que propôs um novo modelo de concepção de si⁸. Seria esse o período que se constava uma evolução de uma concepção de família, monogamia, comportamentos sexuais aceitáveis e fidelidade entre as pessoas casadas. Contudo, foi no cristianismo que houve o processo de uma

⁷ 'A desconfiança face aos prazeres, insistência sobre os efeitos de seu abuso para o corpo e para a alma, valorização do casamento e das obrigações conjugais, desafeição com relação á significações espirituais atribuídas ao amor pelos rapazes: existe no pensamento dos filósofos e dos médicos, no decorrer dos dois séculos, toda uma severidade da qual testemunham os textos de Soranus e do Rufo de Éfeso, de Musonius ou de Sêneca, de Plutarco assim como de Epicteto ou de Marco Aurélio. Aliás, constituem um fato os autores cristãos tomarem dessa moral, empréstimos maciços – explícitos ou não [grifo meu]; e a maior parte dos historiadores atuais concordam em reconhecer a existência, o vigor e o reforço desses temas de austeridade sexual numa sociedade na qual os contemporâneos descreviam, freqüentemente para reprová-los, a imoralidade e os costumes dissolutos'. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: Cuidado de Si*. Vol.3. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e revisão de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005, p. 45.

⁸ 'Isso significaria que o cristianismo não alterou o estado das coisas? Os primeiros cristãos foram os instigadores de numerosas mudanças, senão no código sexual pelo menos nas relações que cada um mantém a respeito de sua atividade sexual. O cristianismo propôs um novo modelo de concepção de si como ser sexual'. FOUCAULT, M. *Ética, Sexualidade, Política: Coleção Ditos e Escritos*. Volume 5. 2ª edição. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 98.

formação sistemática de regras, que ocasionou uma moral que valorizaria uma renúncia de si.

O cristianismo trouxe novas técnicas para impor a moral e um conjunto de imperativos e proibições que determinariam as relações e a sexualidade. Michel Foucault enfatiza, através da opinião do historiador Peter Brown, que se deve compreender a mudança que ocorreu na sexualidade

Recentemente, o professor Peter Brown me declarou que em sua opinião, nossa tarefa era entender o que aconteceu para que a sexualidade tenha se transformado, nas culturas cristãs, no sismógrafo de nossa sexualidade. É fato, e um fato misterioso, que nessa infinita espiral de verdade e de realidade de si, a sexualidade tenha tido, desde os primeiros séculos da era cristã, uma importância considerável; e uma importância que não parou de aumentar (FOUCAULT, 2006: 98).

Peter Brown argumenta, compartilhando da mesma acepção de Michel Foucault acima, que a ascensão do cristianismo não inovou em matéria de moral dentro do mundo greco-romano (BROWN, 2004: 250). E, muito do que é reivindicado como 'cristão' na moral das primeiras igrejas foi, na realidade, uma moral distintiva de um fragmento da sociedade romana (BROWN, 2004: 251).

Desde a época de Augusto, que se percebe uma mudança de ótica ao valorizar a imagem do casal e uma moral sexual. Segundo Géraldine Puccin-Delby foi com Augusto que, e posteriormente, Domício e os Severos, houve uma política em 'corrigir os costumes'. Com as três leis como *Iuliae de adulteriis coercendis*, *de maritandis ordinibus* – promulgada em 18 a.e.c. – e a *Papia Poppaea* – de 9 a.e.c. – Augusto revoluciona o direito da família romana (PUCCINI-DELBAY, 2010: 70).

Paul Veyne define que no século I século a.e.c., ao casar-se um homem romano devia se considerar um cidadão que cumpriu todos os seus deveres cívicos; não obstante, no século I e.c., se muda de parâmetros e o matrimônio se torna algo salutar, em que este devia se considerar um bom marido e respeitar oficialmente sua esposa. Para Veyne, houve um processo de interiorização da moral do casamento monogâmico (VEYNE, 2008: 192).

Por conseguinte, quando surge o cristianismo dentro das estruturas do Império Romano, principalmente nos centros urbanos, vimos uma 'apropriação' de uma certa moralidade debatida. Os cristãos praticaram uma moral sexual austera, reconhecível e aceita pelos pagãos, estabelecendo uma renúncia sexual completa para alguns, ênfase na harmonia conjugal e severa desaprovação para o segundo casamento. Portanto, para manter e sustentar essa moralidade dentro das comunidades cristã a figura do bispo se torna fundamental.

Michel Foucault menciona que no cristianismo a existência de um mecanismo de poder distintivo como o *pastorado*, foi uma categoria peculiar e singular de

indivíduos que desempenharam dentro das comunidades cristãs o papel de condutores e guias em relação aos outros indivíduos. Segundo Foucault seria incongruente existir na Antiguidade helênica e latina uma categoria de certos indivíduos que pudessem desempenhar esse papel de pastores em relação às outras pessoas, dirigindo-as em todos os momentos de suas vidas, cerceando a sua liberdade e exigindo obediência (FOUCAULT, 2006: 65).

Portanto, a figura do bispo, diácono e presbítero representam o mecanismo de poder do pastorado, onde concebem uma condição, um *status* particular, de aceitarem a obrigação de garantir um certo número de encargos para comandarem as comunidades cristãs. Foucault afirma que “através da organização do pastorado na sociedade cristã, a partir do século IV d.C., e mesmo no século III, desenvolveu-se um mecanismo de poder muito importante para toda a história do Ocidente cristão e, particularmente, para a história da sexualidade (FOUCAULT, 2006: 67)”.

A ascensão do bispo como uma figura de liderança e de centralização, também, estabeleceu a delimitação de espaços e um processo de hierarquização que está atrelado à uma divisão sexual no ofício e na organização dentro das comunidades cristãs.

O processo de delimitação dos papéis sexuais dentro das comunidades cristãs nos três primeiros séculos, principalmente as proto-ortodoxas, nos mostram uma hierarquização e segregação das mulheres ao ofício destas comunidades cristãs⁹. Nesse sentido, compreendo que o processo de segregação recai num debate de gênero, onde o masculino e o feminino são constructos sociais e culturais, na medida que estabelece as atribuições de papéis sexuais e a distribuição de competências entre os gêneros, questões que envolvem honra e vergonha. Honra era o equivalente à reputação sendo que vergonha era a preocupação com a reputação, uma sensibilidade para com ela e, também, para a opinião dos outros. Ou seja, seria o outro – podendo ser um grupo, uma sociedade ou qualquer entidade - que determinaria para o indivíduo valores como honra e vergonha. Nesta divisão sexual do trabalho, honra era considerada um aspecto da natureza masculina expressa no desejo natural da agressividade sexual. Vergonha, era definido para a mulher, indicando passividade, subordinação e exclusão no espaço doméstico¹⁰.

Portanto, é nestas significações que se explica as atribuições dadas ao homem e sua supremacia nas tarefas rituais, desde os primórdios do cristianismo;

⁹ C.f. ALEXANDRINA SILVA, Roberta. *A Ambiguidade da Ordenação Feminina: Mulher e Subjetividades nas Comunidades Paulinas nos Dois Primeiros Séculos*. Tese defendida em 2010 sob a orientação do Prof. Dr. André Leonardo Chevitaresh e Pedro Paulo Abreu Funari. Campinas/SP: UNICAMP, 2010, 323p.

¹⁰ C.f. PERISTIANY, J. G., *Honra e Vergonha: Valores das Sociedades mediterrâneas*. 2ª edição. Tradução de José Cutileiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.

tanto que hierarquização e definições dos papéis sexuais caminham juntos na constituição eclesial.

A lermos alguns documentos do *corpus paulinum*, se observa um discurso que reforçou os limites estritos impostos às mulheres, numa argumentação conectada à submissão religiosa familiar (ALEXANDRE, 1990: 532). Nesse sentido, os preceitos contidos nos versículos de 1 Cor 14, 34-35¹¹ e nos preceitos de 1 Tm 2,11-14¹² afirmam comportamentos que foram perpetrados dentro das comunidades.

A legitimação da constituição eclesial se estabelece através de vários códigos morais e sexuais, que ao mesmo tempo definiria formas de cristianismo que se contrapunham, como os proto-ortodoxos e os gnósticos. Nesse sentido, um ponto a se destacar está na supremacia da cidade de Roma, capital do Império, onde a Igreja se fundamentou e legitimou seu corpus eclesiástico.

3. Maria Madalena e Pedro: Duas Tradições Apostólicas

A diferença crassa dos gnósticos com os outros cristãos ao longo da história do cristianismo se deve, principalmente, no quesito de que os cristãos de tradição ortodoxa, como católicos e protestantes, esperam que suas revelações se confirmem a partir de uma tradição apostólica. O cristão ortodoxo acredita na verdade única dos apóstolos, e não aceita nenhum outro evangelho a não ser os quatro do Novo Testamento, servindo como diretriz e cânone para determinar sobre todas as doutrinas e práticas futuras.

Com isso, uma das questões importantes sobre os gnósticos é que estes afirmam que recebem de personagens externos aos doze apóstolos, como Maria Madalena, Paulo e Tiago. Alguns insistem que o grupo dos doze não receberam a *gnosis*, mesmo depois de ter aparecido para eles depois da ressurreição.

As narrativas neotestamentárias deram margem para várias interpretações, sendo que os escritos acerca da ressurreição se tornaram um fator político essencial e, concebido por dois personagens, que de uma certa forma representariam dois tipos de cristianismo, Pedro e Maria Madalena. Entretanto, o que foi legado por uma tradição seria que a ressurreição foi o ponto crucial para a legitimação de Pedro e, de acordo com o Evangelho de João (21: 15-19), Jesus o incumbiu deste cargo depois de sua morte. Neste caso a ressurreição de Jesus tem

¹¹ ‘Estejam caladas as mulheres nas assembleias, pois não é permitido tomar a palavra. Devem ficar submissas, como diz a Lei. Se desejam instruir-se sobre algum ponto, interroguem os maridos em casa; não é conveniente que a mulher fale nas assembleias’.

¹² ‘Durante a instrução a mulher conserve o silêncio, com toda a submissão. Não permito que a mulher ensine, ou domine o homem. Que conserve, pois o silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão’

um caráter político essencial no estabelecimento de uma tradição que traça Pedro como a primeira testemunha, e, portanto, líder de direito da Igreja, e, consecutivamente, no estabelecimento na sucessão apostólica sendo representados em seus três níveis hierárquicos: bispos, padres e diáconos.

A ortodoxia que apoia Pedro como a primeira testemunha da ressurreição de Jesus, é mantida até hoje na figura do papa; contudo, um ponto a se considerar sobre isso consiste numa irregularidade de entendimento, pois tanto os Evangelhos de João (20: 11-18) e de Marcos (16: 9-11) são unânimes ao afirmarem que Maria Madalena, e não Pedro foi a primeira testemunha (ALEXANDRINA SILVA, 2008, p. 126). No entanto, durante o segundo e terceiro século, houve alguns grupos cristãos, em especial os proto-ortodoxos, que reclamavam a autoridade de Pedro e marginalizava o papel feminino representado por Maria Madalena, e outros reivindicavam o seu protagonismo.

Consequentemente, a imagem de Maria Madalena foi se transformando, de um discurso que a lobrigava como uma apóstola para outro que a encarava como uma prostituta arrependida. A primeira ocasião onde ocorre o discurso em que se mescla a imagem de Maria Madalena com uma prostituta foi proferido pelo papa Gregório Magno em 591. Na sua trigésima terceira Homilia, sobre a história da unção de Jesus, Lc 7, o papa fez a seguinte declaração:

Aquela que Lucas chama de pecadora, que João chama de Maria, cremos que seja a Maria da qual se expulsaram sete demônios, de acordo com Marcos. E o que esses sete demônios significam, se não todos os vícios? (...) Fica claro, meus irmãos, que a mulher antes usava o unguento para perfumar sua própria pele para os atos proibidos. O que ela antes usava de forma escandalosa, agora oferece a Deus em louvor (Gregório Magno, Homilia 33 *apud* de EHRMAN, 2008, p. 279).

Mesmo que o interesse por uma Maria Madalena 'história' ou 'real' tenham base em indícios frágeis, todavia, passou somente a ser lembrada como uma prostituta e sua importância como testemunha na ressurreição e missionarismo foi apagada por um grupo de cristãos que impuseram sua própria visão. Deste modo, não se pode abreviar o discurso de Gregório Magno como um catalizador de uma recordação coletiva, mas lembrar Maria Madalena como uma pecadora penitente se circunscreve numa visão de como se estabeleceram as relações sexuais e entre os sexos, onde as mulheres não eram somente tentadoras dos homens com os perigos do sexo, todavia são arrependidas devendo-lhes submissão.

Entretanto, em outras documentações a aparição de Maria Madalena é de protagonismo como ocorre numa boa parte na documentação apócrifa e gnóstica. Um dos exemplos foi o Evangelho que Tomé, que remonta ao segundo século, em que na *logia* 114 há o seguinte diálogo:

Afaste-se Maria de nós, pois as mulheres não merecem a vida!

E Jesus diz:

“Eis, eu a guiarei de modo a fazer dela um homem, a fim de que ela se torne um espírito vivo igual a vós, homens. Porque toda a mulher que se torna homem entrará no Reino dos Céus” (Evangelho de Tomé 114, MORALDI, 1999, p. 225).

A resposta dada por Jesus a Pedro se torna clara acerca de uma definição dos papéis sexuais. E, neste aspecto, se valorizam algumas qualidades masculinas, como de virilidade, honra e o ato de ser ativo; em contrapartida, à mulher que é afetada no seu pudor sexual, mesmo sem contato com homens (PERISTIANY, 1971, p. 139-155).

Em contrapartida, ao analisar a documentação gnóstica, principalmente, a de Nag Hammadi, há uma situação diferenciada e dispare da participação e da imagem que o elemento feminino desempenhou nestas comunidades cristãs.

Antes de adentrarmos na questão que envolve a participação feminina nas comunidades gnósticas, seria crucial definir o que vem a ser o gnosticismo e a Biblioteca de Nag Hammadi.

4. A Biblioteca de Nag Hammadi e Os Gnosticismos

Os textos gnósticos da Biblioteca de Nag Hammadi foram um conjunto de complexos escritos de XIII códices com cinquenta e dois textos, encontrados no Egito e compreende o período entre os séculos I a IV e.c. Os documentos são escritos em copta e foram descobertos em 1945 por um camponês árabe, no Alto Egito, numa caverna chamada Nag Hammadi.

Para Elaine Pagels, os textos de Nag Hammadi e outros similares, que circularam no início da era cristã, foram denunciados como hereges por cristãos, proto-ortodoxos, em meados do segundo século (PAGELS, 2006: XX). Contudo, aqueles que escreveram e divulgaram esses textos, que hoje conhecemos como a Biblioteca de Nag Hammadi não se consideravam ‘hereges’, pois a maioria emprega a terminologia cristã relacionada de modo inequívoco à herança judaica. Esses cristãos, são hoje conhecidos como gnósticos, termo proveniente da palavra grega *gnosis*, em geral traduzida por ‘conhecimento’ (PAGELS, 2006: XX).

A descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi nos mostra toda uma proficuidade e fluidez que foi o cristianismo antigo. Entre os anos de 1972 e 1977, houve a publicação de nove volumes, colocando dessa forma todos os treze códices no domínio público. O divulgador desse projeto foi o estudioso estadunidense

James M. Robinson, diretor do Institute for Antiquity and Christianity, que publicou a tradução dos documentos do copta para o inglês, *The Nag Hammadi Library*¹³.

Definir o que é o *gnosticismo* - que se confunde com a *gnosis*, o conhecimento -, é um trabalho árduo e complexo porque há muitas escolas gnósticas entre os séculos II e V e.c. No entanto, um ponto em comum entre os vários grupos gnósticos é que partem do princípio ou da crença de que existe no homem uma faúlha ou centelha divina, encerrada no seu mundo e corpo material, que deve ser libertada ou redimida, para regressar à sua origem do Pléroma divino. Foi devido ao *gnosticismo* que os Padres da Igreja, em processo de defesa e apologia, apresentaram o *cânon* do AT e NT como norma, e os Concílios como regra e Credo.

O credo de Nicéia aprovado pelos bispos e ratificados por Constantino, acabaria se tornando a doutrina oficial que todos os cristãos deveriam aceitar para participar da igreja reconhecida pelo Imperador, tendo como capital da fé a cidade de Roma. Conforme Paul Veyne, a atitude assumida por Constantino de interiorização dos preceitos cristãos trouxe consequências importantes para a institucionalização do cristianismo e a estruturação da Igreja, tais como: a unidade, desencadeando a exclusividade da verdade, sendo um fim em si, onde toda e qualquer opinião divergente e toda a recusa à autoridade eclesial sejam reprimidas, caracterizando-as como 'heresia' (VEYNE, 2011: 136).

Esse fato foi sintomático e problemática, pois segundo Ramsay Macmullen, talvez incluíssem cerca de um pouco mais da metade dos cristãos de todo o império (MACMULLEN, 1984, p. 54-119). Mesmo que alguns cristãos se associassem aos ensinamentos de mestres gnósticos como Valentino, Marcião e o profeta Montano acabaram ignorando essa lei e, também, ainda que alguns magistrados não a aplicassem, entretanto, essa legislação fez com que as comunidades cristãs ficassem atreladas a uma enorme rede que se direcionava à igreja e ao bispo de Roma (PAGELS, 2004: 180). Deste modo, se percebe um processo de legitimação política de um grupo que se intitulava como a detentora de uma regra e de uma verdade, uma ortodoxia.

Depois da explanação acima, acerca do credo defendida pelos ortodoxos, outro mote de diferenciação dos gnósticos consiste na sua teologia. Para o estudioso Antonio Piñero a aceção que os gnósticos tiveram acerca da criação do mundo, negatividade da materialidade e a complexidade de deidades, sendo um 'atemporal' e outro criado e criador da matéria, foi totalmente particular e singular. Pois,

¹³ C.f. *The Nag Hammadi Library in English*: Translated and Introduced by members of the Coptic Library Project of the Institute for Antiquity and Christianity, Claremont/California. San Francisco: Harper San Francisco, 1990.

O que distingue o sistema gnóstico dos não-gnósticos é a sua visão sobre o mundo. Na visão gnóstica impera o anti-mundo já que o mundo físico não provém de um Deus verdadeiro, mas de um princípio inferior consubstanciado na queda da unidade perfeita da divindade. Nada do que é real ou bem existe fora do Pléroma celestial. Na Hipóstase dos Arcontes de Nag Hammadi, o mundo é fruto das potestades da obscuridade que se opõem e se separam do Pai da Verdade:

Falando sob a inspiração do Pai da verdade, o grande apóstolo [Paulo] transmitiu-nos o seguinte ensinamento acerca das potestades da obscuridade: A nossa luta não é contra a carne e o sangue, mas sim contra as potestades do mundo e contra os espíritos do mal (Ef 6, 12). O seu chefe é cego. [Impulsionado pela sua] potência, pela sua ignorância e pelo seu orgulho [...] disse: "Eu sou deus, e nenhum há [fora de mim]. Ao dizer isto, pecou contra [o todo]. E esta palavra chegou até à Incorruptibilidade. Então, da Incorruptibilidade surgiu uma voz que disse: "Erras, Samael" – ou seja, "o deus dos cegos (PINERO, 2005: 367)".

Os gnósticos, de acordo com Barth Ehrman, como os médios platonistas pensavam que havia uma deidade suprema longe de qualquer coisa que possamos pensar ou imaginar completamente inefável, totalmente separada deste mundo (EHRMAN, 2008: 181). Irineu de Lyon comenta sobre a criação a partir do conceito gnóstico: "Sem que o Demiurgo soubesse absolutamente nada, o Salvador – afirmam eles – honrou o Pleroma na criação quando produziu por meio da Mãe imagens e semelhanças das realidades do alto" (IRINEU DE LYON, II, 7).

Alguns médios platônicos notórios foram Filo de Alexandrina, judeu, Justino, cristão, Numênio e Alcino, que seguiam as religiosidades greco-romana, mesmo com essas diferenças culturais e religiosas, ambos coincidiam em que é excessivamente simples identificar ao deus que criou o mundo no que vivemos com o princípio divino supremo (BRAKKE, 2013: 99). De acordo com David Brakke, estes pensadores buscaram orientação acerca da origem do mundo no diálogo platônico do *Timeu*, em que um ser divino chamado de 'criador', *demiurgo*, cria o universo visível como uma cópia das formas eternas. O demiurgo cria deuses inferiores, que seguidamente o assistem e o universo que vivemos e se crê é uma imagem possível do mundo espiritual perfeito (BRAKKE, 2013: 99).

As 'heresias' teriam nascido do contato do cristianismo com um fundo eclético judaico e o greco-romano. Neste sentido, a *gnosis*, de certa forma, ultrapassaria os exclusivistas quadros do pensamento cristão para se apresentar como um conjunto de noções e de elementos representativos de escritos herméticos. A descoberta da Biblioteca de Nag Hammadi nos dá uma clareza, principalmente, de que o gnosticismo seria explicado pelos seus contatos com determinados movimentos judaicos, em algumas correntes da especulação filosófica grega, sobretudo, como os valentinianos.

Segundo Elaine Pagels, os gnósticos permaneceram próximos à tradição filosófica grega, que considera o corpo a morada do espírito humano – como se a pessoa fosse alguma espécie de ser sem corpo que o utiliza como instrumento, mas não se identifica com ele (PAGELS, 2006: 29). Para a autora os gnósticos estavam convencidos de que o recebimento do espírito faria com que se comunicassem com o Divino (PAGELS, 2006: 21). Tanto que um proeminente mestre gnóstico, Valentino (100-160 e.c.), diz ter sido o primeiro a aprender os ensinamentos secretos de Paulo e presenciou uma visão que tornou a fonte da sua própria *gnosis*, conhecimento. Valentino, de acordo com um fragmento perdido contido na obra de Hipólito de Roma (170-235 e.c.), faz a seguinte observação: “Pois Valentino diz que viu uma criancinha recém-nascida, e a questionou para saber quem era. E a criancinha lhe respondeu dizendo que era o *Logos*¹⁴”.

Valentino afirmara que havia recebido o conhecimento de Teudas, um discípulo de Paulo, em que o iniciou na doutrina secreta de Deus. Para Valentino, essa tradição secreta revela que o Deus adorado pela maioria dos cristãos como criador é ingênua, sendo na realidade a imagem do deus criador (Clemente de Alexandria, *Stromata*, VII, 17, 106, 4). Seguindo a filosofia Platônica, Valentino utilizou o termo grego para ‘criador’, *demiurgos*, sugerindo um ser menos divino que serve como instrumento de poderes superiores. Em relação ao mito da criação do mundo e, principalmente, à Deus, enfatiza uma transcendência do deus supremo e a correspondente implantação de deus em princípios divinos inferiores e intermediários; o mais baixo de todos eles tem a função de criar o universo material (LAYTON, 2002: 98-99).

Em comparação com Filo de Alexandria, Numênio, Alcino e Justino, os gnósticos parecem sobressair por duas razões: seus princípios divinos mediadores são numerosos e complexo, e seu deus criador é mau. Nenhuma pessoa da Antiguidade era monoteísta como compreendemos atualmente, os antigos ditos ‘monoteísta’ simplesmente creiam que o único Deus se alcançava sobre uma hierarquia de deuses, demônios e outros seres espirituais. Tampouco estavam só os gnósticos ao multiplicar os aspectos divinos do Deus supremo. Cristãos como Basílides, ensinou entre 117-138 e.c., e os valentinianos também imaginaram uma complexa divindade com múltiplos éons e concluíam que o deus que criou este mundo era mais imperfeito que o demiurgo divino de Platão (LAYTON, 2002: 31). A compreensão que os gnósticos tinham de deus era certamente singular e complicada.

¹⁴ FRAGMENTO A. In.: LAYTON, B. *As Escrituras Gnósticas*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2002: 274

Entretanto, os gnósticos não foram muito bem aceitos pelos filósofos do neoplatonismo, em especial por Plotino (214-270 e.c.). Porfírio (232-304 e.c.) - biógrafo e compilador dos trabalhos de Plotino - na obra de *Vita Plotini*, argumenta que os gnósticos cristãos teriam essa denominação por serem interpretes errôneos de alguns princípios filosóficos de Platão e que Plotino havia escrito uma refutação contra os gnósticos.

Havia, em seu tempo, muitos cristãos e também outros, sectários de uma seita derivada da antiga filosofia, adeptos de Adélfio e de Aquilino, que possuíam muitíssimos escritos de Alexandre o Líbio, de Filocomo, de Demóstato e de Lido, e que apresentavam apocalipses de Zoroastro, de Zostriano, de Nicoteu, de Alógenes, de Mesa e de outros tais, que, estando eles mesmos enganados, a muitos enganavam, dizendo que Platão não alcançara o profundo da essência inteligível. Por isso Plotino mesmo não só fez muitas refutações a eles nas reuniões, mas também escreveu o tratado que intitulemos *Contra os gnósticos*, deixando a nós a tarefa de criticar as doutrinas restantes (Porfírio, *Vita Plotini*, 16. In.: BACARAT JR., 2006: 181-182).

Todavia, para o meio cristão proto-ortodoxo, como aponta Clemente de Alexandria (150-215 e.c.), a acepção dos gnósticos era um desvio à revelação cristã (Clemente de Alexandria, *Stromata I*, XV, 69,6).

Por conseguinte, os gnósticos ficaram numa situação complicada, enquanto que para alguns cristãos, os proto-ortodoxos, seriam transgressores por causa da exposição do seu pensamento filosófico, entretanto para a escola filosófica neoplatonista, como Plotino e Porfírio, os classificaram como desviantes pela interpretação 'errôneas' de teses platônicas.

5. A Sofia e a Participação Feminina nas Comunidades Gnósticas

Depois da explanação acima sobre a forma como os grupos gnósticos concebiam a sua teologia, ao analisarmos alguns documentos de Nag Hammadi se percebe que em alguns grupos há uma diferenciação na forma como representaram a imagem de deus, como uma potência feminina. Plotino, na *Enéadas*, no Livro II, faz uma refutação contra os gnósticos e menciona uma cosmogonia em que se centra na figura criadora da *Sofia*, a sabedoria, uma potência feminina

Com efeito, eles dizem que a alma e também uma certa "Sofia" se inclinaram para baixo, seja porque a alma principiou, seja porque a Sofia foi a causa dessa inclinação, seja porque desejam eles que ambas sejam a mesma coisa e, então, dizem... ao afirmar que as outras almas descenderam juntas com aquela e são "membros de Sofia", que elas se revestiram de corpos, ou seja, os dos homens; mas aquela, por causa da qual estas também descenderam, eles dizem, ao contrário, que ela não desceu, ou seja, não se inclinou, mas apenas iluminou a escuridão e, então, dela surgiu uma imagem na matérias. Então, modelando urna imagem dessa imagem em algum lugar daqui através de matéria, ou materialidade, ou como desejem chamá-la - eles chamam-na ora uma coisa, ora outra, dando-lhe

muitos outros nomes para o obscurecimento do que dizem -, engendram o que entre eles é chamado "demiurgo" e, afastando-o de sua mãe, produzem a partir dele o cosmos e rebaixam este às últimas imagens, para que aquele que escreveu isso o insulte violentamente (Plotino, *Enéadas*, II. 9, 10. In.: BACARAT JR, 2006: 477).

A sabedoria, a *sofia*, possui algumas conotações na teologia dos seguidores de dois mestres gnósticos como Marco e Valentino, como inferiu Irineu de Lyon, que ora a representam como o 'silêncio eterno e místico' e à Graça, Ela que existia antes de todas as coisas', a 'sabedoria incorruptível' pelo conhecimento (IRINEU DE LYON, *Adversus Haereses*, I. 13, 1-6), ou a 'tétrada que está acima de tudo' (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I. 14,1). Mas, quando faziam suas orações chamavam a sabedoria de mãe (PAGELS, 2006: 60).

Trovão Mente Perfeita, documento de Nag Hammadi, é um monólogo representado por uma potência feminina, identificável como o 'pensamento posterior', uma manifestação da sabedoria. O poema é de cunho enigmático e ambíguo, com autodescrições e exortações da potência feminina, recheado de antagonismos, com a função de auxiliar Adão e todo o gênero humano a recolher o poder que foi roubado por Ialdabaoth, o demiurgo mau. O poema faz a seguinte exortação

É da parte do poder que eu, até mesmo eu, fui enviada
E para aqueles que pensam em mim é que eu vim;
E fui encontrada naqueles que me procuram
[...] Pois sou a primeira e a última
Sou a venerada e a desprezada
Sou eu a meretriz e a santa
Sou a esposa e a virgem
Sou a mãe e a filha
Eu sou os membros de minha mãe.
Sou eu a estéril e a que tem muitos filhos
Sou eu aquela cujo casamento é magnífico e a que não se casou
Sou eu a parteira e a que não dá à luz
Sou consolação de meu próprio trabalho.
Sou eu e a noiva e o noivo.
E o meu marido é quem me gerou.
Sou eu a mãe de meu pai e a irmã de meu marido
E é ele que é minha prole
Sou a serva daquele que me preparou
Sou eu a governante de minha prole (*Trovão, a Mente Perfeita*, 1. 2-4, 15-34. In: LAYTON, 2002: 189).

Em seguida, o documento apresenta a entidade feminina como a *gnosis*, o conhecimento

Desconhecei-me, ó vós que me reconheceis:
E aqueles que não me tem reconhecimento, tomem
Conhecimento de mim!
Pois sou eu conhecimento e falta de conhecimento
Sou reticência e franqueza
Eu sou forte e tenho medo.
Eu sou guerra e paz.

Prestai-me atenção – sou eu a humilhada e a poderosa;
Prestai atenção à minha pobreza e à minha riqueza
Sou eu, contudo o intelecto
E o repouso
Sou eu o conhecimento de minha busca
E a descoberta daqueles que me buscam
E a ordem daqueles que me fazem solicitações
E o poder dos poderes, por meu conhecimento
Dos anjos que foram enviados, por minha fala
E dos deuses em suas épocas, por minha ordem
E dos espíritos de todos os homens que habitam comigo
E das mulheres que estão em mim
Sou eu a venerada e louvada e a desdenhosamente desprezada
(*Trovão, a Mente Perfeita*, 14, 23-34; 18, 9-22. In: LAYTON, 2002: 189).

Em outros documentos de Nag Hammadi, como o *Apocalipse de Adão*, a criação toma outras caracterizações distintas do que é retratado no Gênesis, onde Adão e Eva se tornam mais elevados e poderosos do que o demiurgo; entretanto, a queda fez com que esse conhecimento fosse perdido. O trecho abaixo faz a seguinte alusão

Depois que deus me tinha feito na terra, juntamente com tua mãe Eva, eu costumava andar de um lado para outro com ela na glória. {...} que ela contemplou, desde o reino eterno do qual tínhamos derivado. E ela transmitiu-me um relato de conhecimento do deus eterno. E nós nos assemelhávamos aos grandes anjos eternos. Pois éramos superiores ao deus que nos tinha feito, e aos poderes que estão com ele, com quem (ainda) não tínhamos travado conhecimento[grifo meu]. Em seguida, deus, o governante dos éons e dos poderes, encolerizado nos deu uma ordem. Em seguida, nós nos tornamos dois éons, e a glória que estava em nossos corações – no de tua mãe Eva e no meu – deixou-nos, bem como o conhecimento prévio que soprara em nós. E ela a glória fugiu de nós e entrou em outro grande éon e em outra grande raça. Não foi do atual reino éon – do qual tua mãe Eva e eu derivamos – que ele o conhecimento veio.

O *Apocalipse de Adão* faz uma menção categórica, de que Eva teria recebido o conhecimento do 'deus eterno' e transmitiu para Adão, sendo ambos parecidos a anjos. Segundo nos informa Irineu de Lyon, na comunidade gnóstica pertencente à Ptolomeu, um discípulo de Valentino, há uma descrição de como o mundo fora criado e, novamente, a imagem de Eva aparece como aquela que obtém a *gnosis*, o conhecimento. Entretanto, no caso descrito por Irineu, a serpente prefigura como aquela que dar o conhecimento, sendo a interventora da mãe Sabedoria, e faz frente à divindade conhecida por Ialdabaoth, o demiurgo.

Ialdabaoth ficou com ciúmes, e decidiu pensar um meio de esvaziar o ser humano, por a criação de uma mulher. E como resultado de seu próprio pensamento, ele tirou para ora uma mulher. A sabedoria comum anteriormente mencionada apossou-se dela e secretamente esvaziou-a o poder. Mas os outros vieram e ficaram maravilhados com sua beleza; e a chamaram de Eva, e se enamorara dela, e geraram filhos nela, e estes eles também chamaram de anjos.

Mas a mãe sabedoria deles astutamente desencaminhou Eva e Adão pela intervenção da serpente, de modo a transgredirem o mandamento de Ialdabaoth [grifo meu]. E Eva foi facilmente persuadida, como se estivesse escutando uma descendência de deus. E ela persuadiu Adão a comer da árvore da qual deus havia dito para não comer. Além disso – dizem eles –, quando eles comeram, tiveram conhecimento do poder que é superior a todos, e eles se revoltaram contra aqueles que os fizeram (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I. 3.7).

Alguns grupos cristãos, de forma especial os valentinianos, entendiam que a potência feminina seria a criadora primordial e mãe do deus de Israel a pensar que estava agindo de maneira autônoma (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I. 5,4). Em outro documento descoberto em Nag Hammadi, denominado de *Hipóstase dos Arcontes*, temos a seguinte observação

Ele se tornou arrogante, ao dizer: 'Sou eu o deus, e não há outro além de mim.' (...) E uma voz surgiu das alturas do reino do poder absoluto, dizendo: 'Você está errado, Samuel' [que quer dizer 'deus dos cegos']. E ele disse: 'Se existe algo além de mim, deixe que apareça para mim!'. E sofia, imediatamente, estendeu o dedo e introduziu luz na matéria, e ela o seguiu até a região do Caos (...). ele disse mais uma vez a seus frutos: 'Eu sou o deus da totalidade.' E Vida, filha da Sabedoria, gritou; e disse a ele: 'Você está errado, Saklas!' (*Hipóstase dos Arcontes*, 94, 21; 95,7, *apud* PAGELS, 2006: 65).

Depois de toda essa exposição, de uma parte da teologia gnóstica, um outro ponto crucial está na participação feminina dentro dessas comunidades. E, antes de tudo, a palavra *gnosis* nos dar uma elucidação.

A *gnosis* era 'o conhecimento' e era adquirido independente do sexo, por isso que tivemos nos movimentos gnósticos uma grande participação de mulheres que desempenharam funções de liderança, como autoridades dentro dessas comunidades cristãs - como apontou Irineu de Lyon com certo escárnio na sua obra *Adversus Haereses* (180 e.c.) -; e, assim sendo, a autoridade do bispo não era majoritária. Para Gilvan Ventura da Silva, o monopólio sustentado pelas categorias como dos bispos, diáconos e presbíteros, tinham como interesse as atividades litúrgicas, visto que dentro das comunidades cristãs proto-ortodoxas havia um rápido processo de hierarquização e institucionalização (SILVA, 2006: 309). Nas assembleias, em vias de institucionalização, as mulheres não ocuparam 'ministérios' determinados, contudo, foram segregadas às participações secundárias.

Essa proeminência feminina é conservada, de forma especial, dentro das comunidades gnósticas. Como apontou Irineu de Lyon ao se referi à influência de um profeta, denominado de Marcos (150 e.c.), dissidente de Valentino que:

É sobretudo das mulheres que ele se ocupe e, entre elas, das mais elegantes e das mais ricas. Se ele quer seduzir alguma de entre elas, faz-lhe este discurso lisonjeiro: 'quero fazer-te participar na

minha Graça, já que o Pai de toas as coisas vê sem cessar o teu Anjo diante da tua face... mantém-te pronta, como uma esposa que espera o esposo, para que sejas o que eu sou e eu o que tu és. Instala na tua câmara nupcial a semente da Luz. Recebe de mim o Esposo, dá-lhe lugar em ti e encontra lugar nele. Eis que a Graça desceu sobre ti... abre a boca e diz não importa o quê, tu profetizarás (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I, 13.3)'

Para Irineu, o êxito das palavras do grupo herético como de Marcos para as mulheres, se deveu, em especial, por permitir que estas profetizem (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I, 13.3), enquanto que nas comunidades proto-ortodoxas, era-lhe proibida. Mas, para Irineu, o pior era que Marcos permitia que as mulheres atuassem como sacerdotes na celebração da eucaristia ao seu lado; ele entrega o cálice às mulheres (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I, 13.4), ao oferecer a oração da eucaristia e ao proferir as palavras de consagração.

Contudo, para Tertuliano (160-220 e.c.) o seu principal alvo contra as práticas dessas mulheres se deve ao grupo de Marcião (85-160 e.c.), seu contemporâneo, que as ordenavam em base igual às dos homens para os cargos de padre ou de bispo (TERTULIANO, *Apologia*, 125). Marcelina, uma mestra gnóstica, viajou até Roma para representar os carpocráticos (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I, 25.6), e afirmava que tinha recebido ensinamentos secretos de Maria, de Salomé e de Marta. Outro grupo, como os montanistas reverenciavam duas mulheres, Prisca e Maximila, como fundadoras do movimento (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I, 25.6).

Outros grupos, como os valentinianos, as mulheres tinham direitos iguais aos dos homens, onde algumas eram reverenciadas como profetisas, outras exerciam as funções de ensino, evangelização e de cura, agindo muitas vezes como sacerdotes e bispos; em contrapartida, nas igrejas proto-ortodoxas as mulheres eram cada vez mais segregadas e relegadas às funções secundárias (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I, 13.4). Irineu de Lyon descreve que entre os valentinianos, homens e mulheres participavam do sorteio; qualquer um poderia ser escolhido para ser padre, bispo e diácono (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I, 13.4). Quem recebesse a sorte era designado para assumir o papel de sacerdote, outro ofereceria o sacramento do bispo, ou seja, havia um rodízio de funções, bastante diferente do que ocorria nas igrejas ortodoxas (IRINEU DE LYON, *Adversus Haeresis*, I, 13.4).

Eusébio de Cesaréia, comenta que depois da morte de um mestre gnóstico chamado de Montano (175 e.c.), um outro tipo de movimento gnóstico, a sua discípula Maximila dirigiu o movimento e sendo alvo dos ataques da proto-ortodoxia fez o seguinte comentário: "sou perseguida longe dos cordeiros como um lobo. Eu não sou um lobo. Eu sou Palavra, Espírito e Poder" (Eusébio de Cesaréia. *História*

Eclesiástica, V, 16, 17). Para Gilvan Ventura, as mulheres montanistas, desempenharam funções ainda mais preeminentes do que os marcionitas (SILVA, 2006: 47), desencadeando um desconforto que para algumas lideranças comunaes assumiram em relação à atuação de mulheres; irrompendo em proibições e interdições com maior intensidade a partir do século II, em virtude, da posição adotada pelas mulheres em alguns círculos gnósticos (SILVA, 2010: 308).

Essas características gnósticas, foram endossadas por algumas comunidades paulinas. Um exemplo foi o documento apócrifo, do século II e.c., denominado *Os Atos de Paulo e Tecla*, em que mostra a figura de uma missionária, Tecla, que ensina, batiza e profetiza, fugindo de um casamento e da sua família¹⁵. Para o estudioso Barth Ehrman os contos que envolviam Tecla e outras mulheres ascetas e que acompanhavam outros missionários não eram irregularidades ou algo inusitado no cristianismo antigo, mas uma declaração significativa de uma corrente cristã importante para a época (EHRMAN, 2008b: 79).

6. Algumas Considerações Conclusivas

Os papéis sexuais foram, de certa forma, reflexos no processo de hierarquização e legitimação política de um tipo de cristianismo que se autodenomina como detentora de uma tradição. No entanto, os grupos gnósticos nos mostram outras realidades e situações onde a proeminência e liderança poderia ser adquirido independente do sexo, através da *gnosis*.

Em suma, a partir da análise de alguns documentos contidos na Biblioteca de Nag Hammadi e no discurso de alguns dos heresiólogos, como Irineu de Lyon, Clemente de Alexandria e Tertuliano, percebemos outras experiências de cristianismos, que se distinguiam das vivências comunaes de um padrão de cristianismo que nos foi imposto como verdadeiro e único. Portanto, o significado histórico da vitória do cristianismo proto-ortodoxo dificilmente pode ser exagerado, pois nos impuseram uma moralidade e uma religiosidade que constituíram nossa identidade e a civilização ocidental.

7. BIBLIOGRAFIA GERAL

Documentos Antigos

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1994.

Apócrifos e Pseudoepígrafes da Bíblia. Organização de Eduardo de Proença. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

¹⁵ C.f. *Apócrifos e Pseudoepígrafes da Bíblia*. Organização de Eduardo de Proença. São Paulo: Fonte Editorial, 2012: 388-400.

BACARAT JR., José Carlos. *Plotino, Enéadas, I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino*. Tese apresentada ao Curso de Linguística no Instituto de Estudos da Linguagem, sob a orientação do Prof. Dr. Trajano Augusto Ricca Vieira. Campinas/SP: UNICAMP, 2006.

CLEMENT D'ALEXANDRIE, *Les Stomates*. Introduction, texte critique, et index par Alain Le Boulluec; traduction par Pierre Voulet. Paris: CERF, 2006.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História Eclesiástica*. Tradução das Monjas Beneditinas dos Mosteiro e Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.

Evangelhos Apócrifos. Tradução dos textos em copta para o italiano por Luigi Moraldi. Tradução de Benôni Lemos e Patrizia Collina Batianetto. São Paulo: Paulus, 1999.

IRINEU DE LYON. *Contra as Heresias: Denúncia e Refutação da Falsa Gnose*. 2ª Edição. Coleção Patrística nº 4. Introdução, Notas e Comentários de Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas de Roque Frangiotti. Tradução de Lourenço Costa. São Paulo: Paulus, 1995.

The Nag Hammadi Library in English: Translated and Introduced by members of the Coptic Library Project of the Institute for Antiquity and Christianity, Claremont/California. San Francisco: Harper San Francisco, 1990.

LAYTON, B. *As Escrituras Gnósticas*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TERTULIAN, *Apology; De Spectaculis*. With an English translation by T. R. Glover. Cambridge, Mass.: Harvard University, 1931

Bibliografia

ALEXANDRINA SILVA, Roberta. "Afasta-se, Maria de nós, pois as mulheres não merecem a vida": Heterodoxia e Ortodoxia nos Inícios do Cristianismo. In: RAGO, M.; FUNARI, P. P. A., *Subjetividades Antigas e Moderna*. São Paulo: AnnaBlume, 2008.

ALEXANDRINA SIVLA, Roberta. *A Ambiguidade da Ordenação Feminina: Mulher e Subjetividades nas Comunidades Paulinas nos Dois Primeiros Séculos*. Tese defendida em 2010 sob a orientação do Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese. Campinas/SP: [s.n], 2010, 323p.

BRAKKE, D. *Los Gnósticos*. Tradujo de Francisco J. Molina de la Torre. Salamanca/Espanha: Ediciones Síguem, 2013.

BROWN, P. R. L. A Nova Antropologia. In: VEYNE, P. (org.) *História da Vida Privada: Do Império Romano ao Ano Mil*. Volume 1. Coleção Dirigida por Georges Duby e Philippe Ariès. Tradução de Hildegard Friest. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

EHRMAN, B. D. *Pedro, Paulo e Maria Madalena: A Verdade e a Lenda sobre os Seguidores de Jesus*. Tradução de Celina Falck-Cook. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2008 A.

EHRMAN, B. D. *Os Evangelhos Perdidos: As Batalhas pela Escritura e os Cristianismos que não chegamos a conhecer*. Tradução de Eliziane Andrade Paiva; revisão técnica de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008 B.

FOUCAULT, Michel. *Ética, Sexualidade, Política*. Coleção de Ditos e Escritos, vol. V. 2ª Edição. Organizador Manoel da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade II*. O uso dos prazeres. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, M. *História da Sexualidade: Cuidado de Si*. Vol.3. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e revisão de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FUNARI, Pedro Paulo; NOGUEIRA, Paulo Augusto; COLLINS, John. (orgs). *Identidades fluídas no judaísmo antigo e no cristianismo primitivo*. São Paulo: Annablume FAPESP, 2010.

KOESTER, H., *Introdução ao Novo Testamento: História e Literatura do Cristianismo*

- MACMULLEN, R. *Christianizing the Roman Empire: A.D. 100-400*. New Haven; London: Yale University Press, 1984.
- PAGELS, E. H. *Além de Toda Crença: O Evangelho Desconhecido de Tomé*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- PAGELS, E. *Os Evangelhos Gnósticos*. Tradução de Marisa Motta. Rio de Janeiro: PERISTIANY, J. G., *Honra e Vergonha: Valores das Sociedades mediterrâneas*. 2ª edição. Tradução de José Cutileiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1971.
- PIÑERO, A. *Textos Gnósticos: Biblioteca de Nag Hammadi*. Madrid: Trotta, 2005.
- Primitivo*. Volume II. Tradução de Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005b.
- PUCCINI-DERBEY, G. *A Vida Sexual na Roma Antiga*. Tradução de Albuquerque Marques. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.
- SILVA, G. V. A Redefinição do Papel Feminino na Igreja Primitiva: Virgens, viúvas, diaconisas e monjas. In: SILVA, G. V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (org.) *As Identidades no Tempo: Ensaios de Gênero, Etnia e Religião*. Vitória/ES: EDUFES/PPGHis, 2006.
- SILVA, G. V. As relações entre o judaísmo e o cristianismo no Império Romano: uma nova interpretação a partir do paradigma culturalista. *História da historiografia*. Ouro Preto, n.05. Setembro 2010.
- VEYNE, P. *Quando Nosso Mundo se Tornou Cristão*. 2ª edição. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- VEYNE, P. *Sexo e Poder em Roma*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.